

Música, Filosofia e Educação

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Música, Filosofia e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M987	Música, filosofia e educação [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-104-6 DOI 10.22533/at.ed.046190502 1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 780.77

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A trajetória da educação musical no Ocidente é marcada por diferentes visões e compreensões díspares. Os valores filosóficos tiveram seu foco redirecionado, os objetivos da educação musical foram modificados por tantas vezes quanto os paradigmas pedagógicos e sociais foram sugeridos, consolidados, questionados e reconstruídos. Em uma recapitulação do valor da música ao longo da história, notamos que a música esteve desvinculada da educação durante o período medieval. A infância receberia aceitação social e orientação escolar específica a partir da Renascença e seria objeto de estudos durante o século XVIII, propiciando o surgimento dos métodos ativos em educação musical de Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Froebel (Fonterrada, 2005, p.38-40; 48-53). A educação musical do século XIX foi marcada pela publicação de tratados de teoria que ‘treinavam’ o domínio técnico, já que o Romantismo caracterizava-se pela figura do virtuose. Os conservatórios particulares, por sua vez, eram os centros onde o ensino orientado para o virtuosismo era fortemente estimulado. No século XX, os modelos filosóficos surgiam na mesma velocidade em que eram substituídos por outros modelos. O desenvolvimento tecnológico e as efêmeras mudanças de pensamento social e político criaram um ambiente para o aparecimento de métodos pedagógico-musicais que buscavam a sensibilização integral da criança quanto ao fazer e ouvir musicais. Jacques Dalcroze e a educação do corpo na vivência musical; Zoltan Kodaly e a educação musical autóctone; Edgar Willems e a educação auditiva quanto à sensorialidade, afetividade e inteligência; Shinichi Suzuki e a educação para o talento. Da segunda geração de pedagogos musicais (a partir dos anos 1960), Murray Schafer, Keith Swanwick e John Paynter também contribuíram com novas estratégias em relação ao desenvolvimento cognitivo-musical da criança, à educação sonora e aos aspectos psicológicos observados nas diversas fases da infância e da adolescência. Neste ponto podemos perguntar: se há tantos métodos e sistemas de pedagogia musical que valorizam o aluno e orientam o professor, qual a necessidade de uma filosofia para a educação musical? A resposta pode começar com a noção de que uma filosofia da música sempre permeou a educação musical em seus diferentes períodos na história, e com a concordância de que um posicionamento filosófico que incida diretamente sobre a prática da educação musical contribui para a reflexão na ação pedagógica. Esta reflexão pode determinar a natureza e o valor da educação musical, e é desse tema que tratamos mais especificadamente a seguir. Nas linhas abaixo, propomos o diálogo e evidenciamos o confronto entre os estudos de Bennett Reimer (1970) e David Elliott (1995) a fim de esboçar suportes filosóficos que orientem o trabalho do educador musical em sala de aula. Os autores assinalam que a educação musical deve ter entendimento da natureza e do valor estéticos da música, a fim de realmente tornar-se educação musical. Porém, como veremos a seguir, essa opção por uma educação estética encontra oposição e contra-argumentação nos estudos de outros pesquisadores da educação musical. No artigo

A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES, os autores João Leandro Neto, Tayronne de Almeida Rodrigues, Murilo Evangelista Barbosa visam fomentar alguns pensadores sofistas e trazer enfoque à Ética socrática grega. Através de estudos e pesquisas busca-se aprimorar e aferir percepções e valores atribuídos às opiniões e ao relativismo apontado pelos sofistas que moldavam a ética de acordo com seus valores, sendo necessário seguir os valores que cada um julgasse mais correto de viver. No artigo **A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO DA RESPIRAÇÃO APLICADO À PRÁTICA INSTRUMENTAL DO VIOLINO E DA VIOLA**, o autor Oswaldo Eduardo da Costa Velasco discute e aponta reflexões sobre como desenvolver a conscientização e o interesse na observação da respiração. A pesquisa está direcionada para o estudo e a prática instrumental do violino e da viola. No artigo **A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NO GOSTO MUSICAL DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA**, o autor Frank de Lima Sagica buscam compreender a influência da mídia na formação do gosto musical desses estudantes. A metodologia utilizada se deu por uma pesquisa em campo, com aplicação de questionário aos alunos. Os resultados deste trabalho devem contribuir para a área da educação musical, no âmbito da linha de pesquisa Abordagens Socioculturais da Educação Musical. No artigo **A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA**, a autora Jéssica Melina Behne Vettorelo buscam compreender os efeitos do contato com os sons e a música no seu desenvolvimento global, desde o período intra-uterino até os cinco primeiros anos de vida, tratado aqui como primeira infância. No artigo **A PERFORMANCE DO COCO SEBASTIANA: UM RITO DE PASSAGEM NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE JACKSON DO PANDEIRO** o autor Claudio Henrique Altieri de Campos objetivo é buscar como um momento paradigmático na trajetória do artista. Para tanto, dialoga com o pensamento de Turner, sobre liminaridade, e Foucault, sobre a noção de discurso. No artigo **APRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA**, a autora, Priscila de Freitas Machad buscou investigar que concepções de avaliação do processo de aprendizagem infantil que estão presentes nas práticas docentes. No artigo **A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA**, Monalisa Carolina Bezerra da Silveira, busca investigar possibilidades e dificuldades que professores de Educação Musical, em atividade, no Ensino Básico da Rede Pública Federal e Municipal do Rio de Janeiro encontraram para que o fazer musical estivesse presente durante suas aulas de música. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas junto a quatro docentes previamente selecionados. No artigo **A UTOPIA DO ISOMORFISMO INTERSEMIÓTICO COMO MOTOR DA CRIAÇÃO: BREVE ANÁLISE DO MOTET EM RÉ MENOR DE GILBERTO MENDES**, o autor Victor Martins Pinto de Queiroz visou explicitar a relação entre os procedimentos usados por ele em sua

música e aqueles utilizados pelo poeta no poema, em busca do isomorfismo texto-música, defendido como solução para o dilema onde se julgava estar a música, pelos signatários do manifesto Música Nova, entre os quais estava Gilberto. No artigo Anacleto de Medeiros: um olhar sobre a atuação de um mestre do choro e das bandas no cenário sociocultural carioca, os autores Sebastião Nolasco Junior e Magda de Miranda Clímaco visou as interações do compositor Anacleto de Medeiros com o ambiente social e musical do Rio de Janeiro do final do século XIX e princípio do século XX, atuando como chorão e como regente de bandas. No artigo Análise da Sonata para viola e piano de Radamés Gnattali: primeiro movimento, os autores Maria Aparecida dos Reis Valiatti Passamae e Felipe Mendes de Vasconcelos, os autores analisam o primeiro movimento da Sonata para viola e piano de Radamés Gnattali, um personagem merecedor de maior sistematização e divulgação de sua obra em estudos que associem os processos criativos com a prática musical, contribuindo para a escuta e a apreciação. No artigo **ANÁLISE DE FUMEUX FUME PAR FUMÉE DE SOLAGE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE ARS SUBTILIOR E MADRIGAL**, os autores Victor Martins Pinto de Queiroz, Mauricio Funcia De Bonis analisam a contrapontística da obra Fumeux fume par fumée, de Solage, buscando apontar as especificidades do contraponto medieval ao mesmo tempo em que esclarece as particularidades do período posterior à Ars Nova, a Ars Subtilior, propondo um registro de suas semelhanças com o madrigal renascentista na exacerbação do cromatismo. No artigo **AS ALTERAÇÕES NA PERCEPÇÃO MUSICAL DE PESSOAS COM EPILEPSIA DE DIFÍCIL CONTROLE, UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MODELO DE COGNIÇÃO, FUNÇÕES MUSICAIS E MUSICOTERAPIA**, os autores Fernanda Franzoni Zaguini Clara Márcia Piazzetta, busca estabelecer uma discussão sobre o modelo de percepção musical e o processamento auditivo cerebral até a gestalt auditiva descrito por Koelsch (2005, 2011), mostrando a importância destes conhecimentos para o trabalho musicoterápico na reabilitação neurológica de pacientes com epilepsia. No artigo **AS REGRAS DE EXECUÇÃO MUSICAL EM MARPURG, O MÚSICO CRÍTICO: RELAÇÕES ENTRE RETÓRICA E MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA PRONUNTIATIO MUSICAL**, o autor Stéfano Paschoal tem o intuito de evidenciar a forte relação entre Retórica e Música. Aspectos composicionais da linguagem de Theodoro Nogueira no Improviso nº 4 para violão os autores Laís Domingues Fujiyama, Eduardo Meirinhos Trata-se da dissertação sobre os processos composicionais de Theodoro Nogueira. Através do confronto de uma análise neutra com a estética nacionalista/guarnieriana (a qual o compositor se vincula) e críticas de violonistas sobre sua obra pretendemos definir alguns aspectos de sua linguagem. No artigo **ATUAÇÃO DO MÚSICO EM EMPRESAS: MERCADO, INDICATIVOS E PROCESSOS**, a autora Elen Regina Lara Rocha Farias, busca descrever e apresenta questões sobre a atuação profissional do músico em empresas públicas e privadas, assim como o mercado em que se insere e solicita deste profissional, indicativos de um perfil condutor de ações exitosas, bem como processos estruturadores de planos

de trabalho interdisciplinares que atendam e gratifiquem tanto a empresa quanto o artista. No artigo **BLUES NO PAÍS DO SAMBA: ASPECTOS DETERMINANTES PARA A PRESENÇA DO BLUES COMO FAZER MUSICAL NO BRASIL**, o autor Rafael Salib Deffaci, traz a Derivação de sua dissertação de mestrado em Música (UDESC, 2015). Nele, evidenciarei alguns aspectos - estético/musicais, culturais, sociais e históricos - determinantes para a presença do blues no Brasil como gênero musical, inicialmente estrangeiro, e seus caminhos até sua incorporação e ressignificação pela musicalidade brasileira na atualidade. No artigo **COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO MELÓDICA DE DANIEL: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO MUSICAL**, a autora Aline Lucas Guterres Morim, busca compreender o processo de construção melódica do sujeito Daniel. Os dados da análise são um recorte da dissertação “O processo de composição musical do adolescente: ações e operações cognitivas”, orientado por Leda Maffioletti, No artigo **CONCEPÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS TÉCNICAS EXPANDIDAS E SUA APLICAÇÃO NO REPERTÓRIO DE TUBA**, o autor Gian Marco Mayer de Aquino, busca apresentar concepções didáticas sobre as técnicas expandidas e sua aplicação no repertório de tuba. Este é um recorte de sua pesquisa de mestrado. No artigo **CONTRIBUIÇÕES DA COGNIÇÃO MUSICAL À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, os autores Juliana Rocha de Faria Silva, Fernando William Cruz buscam Saber como as pessoas escutam e se elas escutam da mesma maneira; porque há certas músicas que são preferidas por muitos; se as pessoas ouvem de formas diferentes e porque há pessoas da nossa cultura que não são movidas pela música como outras são as perguntas feitas por estudiosos de diversos campos como o da Psicologia Cognitiva, da Neurociência, da Computação, da Musicologia e da Educação e revelam a natureza interdisciplinar da área emergente que inclui a percepção e cognição musicais (LEVITIN, 2006). No artigo **EDUCAÇÃO MUSICAL DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS COM AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO DISPOSITIVO MAKEY MAKEY**, os autores Alexandre Henrique dos Santos, Adriana do Nascimento Araújo Mendes aborda uma experiência em educação musical para alunos com deficiência visual utilizando as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e um modelo pedagógico que orienta teoricamente o ensino com as mesmas: o Technological Pedagogical and Content Knowledge (TPACK). No artigo **EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS**, os autores Paula Martins Said e Dagma Venturini Marques Abramides, buscou investigar o efeito da educação musical no repertório de habilidades sociais em crianças expostas e não expostas à educação musical. No artigo Educação Musical, Neurociência e Cognição:

Uma Revisão Bibliográfica Dos Anais Do SIMCAM, os autores Cassius Roberto Dizaró Bonfim, Anahi Ravagnani e Renata Franco Severo Fantini

Buscam apresentar um panorama atual desta produção na tentativa futura de aproximar o conhecimento produzido à realidade da docência. Embora a produção de estudos acadêmicos sobre estes três temas esteja visivelmente em crescimento, notou-

se que o número de publicações que relacionam os três elementos simultaneamente ainda seja incipiente. **ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER** No artigo **ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER**, os autores Ronan Gil de Moraes, Jean Paulo Ramos Gomes, Lucas Davi de Araújo, Lucas Fonseca Hipolito de Andrade, buscam apresentar questões pertinentes à iniciação musical voltada ao ensino de solfejo, percepção e principalmente de práticas instrumentais percussivas, e surgiu como consequência de atividades desenvolvidas em um curso de extensão para crianças de 08 a 14 anos. No artigo **Estudo Comparado das Flutuações de Andamento em Quatro Gravações de Du Schönes Bächlein para violão solo de Hans Werner Henze**, o autor João Raone Tavares da Silva Busca estudar o comparativo das flutuações de andamento em quatro interpretações da peça **Du Schönes Bächlein** de Hans Werner Henze (1926-2012) feitas por diferentes violonistas. No artigo **Estudo das relações entre Forma e Densidade na Sinfonia em Quadrinhos de Hermeto Pascoal**, o autor Thiago Cabral, realiza uma avaliação quantitativa do parâmetro densidade em quatro seções da peça **Sinfonia em Quadrinhos** (1986) de Hermeto Pascoal (1936). No artigo **EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: RELIEF STATIQUE (1955) E VOCALISM AI (1956) DE TORU TAKEMITSU**, o autor Luiz Fernando Valente Roveran propõem-se discussões acerca do contraste entre a música concreta de Pierre Schaeffer e nosso objeto de estudo.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ÉTICA GREGA E SEU PRINCIPAL PENSAMENTO EM SÓCRATES	
João Leandro Neto Tayronne de Almeida Rodrigues Murilo Evangelista Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.0461905021	
CAPÍTULO 2	12
A IMPORTÂNCIA DO AUTOCONHECIMENTO DA RESPIRAÇÃO APLICADO À PRÁTICA INSTRUMENTAL DO VIOLINO E DA VIOLA	
Oswaldo Eduardo da Costa Velasco	
DOI 10.22533/at.ed.0461905022	
CAPÍTULO 3	21
A INFLUÊNCIA DA CULTURA MIDIÁTICA NO GOSTO MUSICAL DOS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Frank de Lima Sagica	
DOI 10.22533/at.ed.0461905023	
CAPÍTULO 4	32
A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA NA PRIMEIRA INFÂNCIA	
Jéssica Melina Behne Vettorelo	
DOI 10.22533/at.ed.0461905024	
CAPÍTULO 5	41
A PERFORMANCE DO COCO <i>SEBASTIANA</i> : UM RITO DE PASSAGEM NA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE JACKSON DO PANDEIRO	
Claudio Henrique Altieri de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.0461905025	
CAPÍTULO 6	49
A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PALMAS-TO: DESVELANDO CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM TURMAS DE PRÉ-ESCOLA	
Priscila de Freitas Machado	
DOI 10.22533/at.ed.0461905026	
CAPÍTULO 7	66
A RELAÇÃO ENTRE O FAZER MUSICAL E O ESPAÇO ESCOLAR: UM DEBATE COM PROFESSORES DE MÚSICA	
Monalisa Carolina Bezerra da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0461905027	
CAPÍTULO 8	77
A UTOPIA DO ISOMORFISMO INTERSEMIÓTICO COMO MOTOR DA CRIAÇÃO: BREVE ANÁLISE DO <i>MOTET</i> EM RÉ MENOR DE GILBERTO MENDES	
Victor Martins Pinto de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.0461905028	

CAPÍTULO 9 87

ANACLETO DE MEDEIROS: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DE UM MESTRE DO CHORO E DAS BANDAS NO CENÁRIO SOCIOCULTURAL CARIOCA

Sebastião Nolasco Junior
Magda de Miranda Clímaco

DOI 10.22533/at.ed.0461905029

CAPÍTULO 10 95

ANÁLISE DA SONATA PARA VIOLA E PIANO DE RADAMÉS GNATTALI: PRIMEIRO MOVIMENTO

Maria Aparecida dos Reis Valiatti Passamae
Orquestra Sinfônica do Espírito Santo
Felipe Mendes de Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.04619050210

CAPÍTULO 11 105

ANÁLISE DE *FUMEUX FUME PAR FUMÉE* DE SOLAGE: UMA BREVE APROXIMAÇÃO ENTRE ARS SUBTILIOR E MADRIGAL

Victor Martins Pinto de Queiroz
Mauricio Funcia De Bonis

DOI 10.22533/at.ed.04619050211

CAPÍTULO 12 115

AS ALTERAÇÕES NA PERCEPÇÃO MUSICAL DE PESSOAS COM EPILEPSIA DE DIFÍCIL CONTROLE, UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MODELO DE COGNIÇÃO, FUNÇÕES MUSICAIS E MUSICOTERAPIA

Fernanda Franzoni Zaguini
Clara Márcia Piazzetta

DOI 10.22533/at.ed.04619050212

CAPÍTULO 13 124

AS REGRAS DE EXECUÇÃO MUSICAL EM MARPURG, O MÚSICO CRÍTICO: RELAÇÕES ENTRE RETÓRICA E MÚSICA E A CONSTRUÇÃO DE UMA *PRONUNTIATIO* MUSICAL

Stéfano Paschoal

DOI 10.22533/at.ed.04619050213

CAPÍTULO 14 139

ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA LINGUAGEM DE THEODORO NOGUEIRA NO *IMPROVISO N° 4* PARA VIOLÃO

Laís Domingues Fujiyama
Eduardo Meirinhos

DOI 10.22533/at.ed.04619050214

CAPÍTULO 15 150

ATUAÇÃO DO MÚSICO EM EMPRESAS: MERCADO, INDICATIVOS E PROCESSOS

Elen Regina Lara Rocha Farias

DOI 10.22533/at.ed.04619050215

CAPÍTULO 16 157

BLUES NO PAÍS DO SAMBA: ASPECTOS DETERMINANTES PARA A PRESENÇA DO BLUES COMO FAZER MUSICAL NO BRASIL

Rafael Salib Deffaci

DOI 10.22533/at.ed.04619050216

CAPÍTULO 17	165
COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO MELÓDICA DE DANIEL: PROCESSO DE COMPOSIÇÃO MUSICAL	
Aline Lucas Guterres Morim	
DOI 10.22533/at.ed.04619050217	
CAPÍTULO 18	174
CONCEPÇÕES DIDÁTICAS SOBRE AS TÉCNICAS EXPANDIDAS E SUA APLICAÇÃO NO REPERTÓRIO DE TUBA	
Gian Marco Mayer de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.04619050218	
CAPÍTULO 19	183
EDUCAÇÃO MUSICAL DE ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS COM AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC): UMA PROPOSTA DE ENSINO A PARTIR DO DISPOSITIVO MAKEKEY MAKEKEY	
Alexandre Henrique dos Santos Adriana do Nascimento Araújo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.04619050219	
CAPÍTULO 20	200
EDUCAÇÃO MUSICAL E HABILIDADES SOCIAIS	
Paula Martins Said Dagma Venturini Marques Abramides	
DOI 10.22533/at.ed.04619050220	
CAPÍTULO 21	216
EDUCAÇÃO MUSICAL, NEUROCIÊNCIA E COGNIÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS ANAIS DO SIMCAM	
Cassius Roberto Dizaró Bonfim Anahi Ravagnani Renata Franco Severo Fantini	
DOI 10.22533/at.ed.04619050221	
CAPÍTULO 22	225
ENSINO DE MÚSICA E NOVAS TECNOLOGIAS: INICIAÇÃO EM PERCUSSÃO POR MEIO DE VÍDEO GAME ARTE EM SUA RELAÇÃO COM A OBRA DE ESCHER	
Ronan Gil de Moraes Jean Paulo Ramos Gomes Léia Cássia Pereira da Paixão Lucas Davi de Araújo Lucas Fonseca Hipolito de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.04619050222	
CAPÍTULO 23	236
ESTUDO COMPARADO DAS FLUTUAÇÕES DE ANDAMENTO EM QUATRO GRAVAÇÕES DE DU <i>SCHÖNES BÄCHLEIN</i> PARA VIOLÃO SOLO DE HANS WERNER HENZE	
João Raone Tavares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.04619050223	

CAPÍTULO 24 245

ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE FORMA E DENSIDADE NA *SINFONIA EM QUADRINHOS* DE HERMETO PASCOAL

[Thiago Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.04619050224

SOBRE O ORGANIZADOR..... 254

ANACLETO DE MEDEIROS: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DE UM MESTRE DO CHORO E DAS BANDAS NO CENÁRIO SOCIOCULTURAL CARIOCA

Sebastião Nolasco Junior

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – *campus* Confresa

Magda de Miranda Clímaco

Universidade Federal de Goiás – Escola de Música e Artes Cênicas

RESUMO: Esse trabalho visou as interações do compositor Anacleto de Medeiros com o ambiente social e musical do Rio de Janeiro do final do século XIX e princípio do século XX, atuando como chorão e como regente de bandas. Através de fontes bibliográficas, sonoras, arquivísticas e da fundamentação em Chartier (2002), que refletiu sobre as representações sociais, foi possível considerar as implicações do músico com o choro e com a banda, num cenário sociocultural carioca de lutas de representações forjadoras de processos identitários.

PALAVRAS-CHAVE: Anacleto de Medeiros. Cenário sociocultural carioca do final séc. XIX/ Início XX. Choro e bandas. Interações musicais e sociais. Processos identitários.

ABSTRACT: This study contemplated Anacleto de Medeiros' interactions as a *chorão* and a band conductor with Rio de Janeiro's musical and social environment from the late nineteenth and early twentieth century. Based

on bibliographical, audible and archival sources and on Chartier (2002), who studied social representations, we were able to analyze the musician's contributions for the *choro* and the band, in a *carioca* sociocultural scenario of struggles of forged representations of identity processes.

KEYWORDS: Anacleto de Medeiros. Rio's sociocultural scenario from the late nineteenth/ early twentieth century. *Choro* and bands. Musical and social interactions. Identity processes.

1 | INTRODUÇÃO

A investigação aqui proposta tem como objeto de pesquisa as interações do compositor Anacleto Augusto de Medeiros (1866-1907) com o ambiente social e musical do Rio de Janeiro do final do século XIX e princípio do século XX e o papel desenvolvido por esse compositor como músico ligado ao gênero musical choro e como um dos principais regentes de banda brasileiros. Segundo autores como Diniz (2007), Anacleto passou grande parte de sua vida na cidade do Rio de Janeiro, principal centro cultural do Brasil nesse período, onde participou da efervescência sociocultural carioca que influenciou a sua produção musical, atuando de forma significativa como compositor e chorão.

Por outro lado, foi considerado um dos principais regentes e arranjadores de banda da época e um dos fundadores e primeiro regente da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (BCBRJ). Essa banda teve um papel importante no cenário das primeiras gravações de discos brasileiras, quando a insuficiência sonora dessas gravações trazia a necessidade de um volume sonoro potente (TINHORÃO, 2010), vindo também daí o seu destaque no presente trabalho.

As primeiras investidas nessa pesquisa, portanto, propiciaram vislumbrar a possibilidade de Anacleto de Medeiros ter transitado e contribuído para o desenvolvimento das peculiaridades linguísticas tanto do choro quanto da banda, o que levou a alguns questionamentos: que elementos do cenário sociocultural carioca interferiram na interação de Anacleto com o ambiente do choro e das bandas? Qual o papel desse compositor no desenvolvimento da música popular instrumental brasileira nesses dois contextos? Com que processos identitários interagiu? Assim, buscando responder essas questões, objetivou-se investigar a figura histórica de Anacleto de Medeiros na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX e princípio do século XX, buscando os elementos socioculturais e as interações musicais que influenciaram a sua atuação como chorão e como regente de bandas. A abordagem metodológica consistiu, sobretudo, em levantamento bibliográfico e exploração de fontes sonoras e arquivísticas. A fundamentação teórica teve como suporte o conceito de representações sociais forjadoras de processos identitários, de acordo com Chartier (2002).

2 | O RIO DE ANACLETO

Para que pudesse ser situada historicamente a atuação do compositor Anacleto de Medeiros, julgou-se necessário uma melhor compreensão de seu *locus* de atuação, a cidade do Rio de Janeiro do período recortado. Desde a chegada de D. João VI e sua corte ao Brasil em 1808, essa cidade, então capital do país, iniciou um desenvolvimento infraestrutural, econômico e sociocultural, que, segundo Tinhorão (2010, p. 205), teria na segunda metade do século XIX um ponto culminante, sobretudo, com os investimentos de D. Pedro II na implementação de serviços públicos urbanos. Esses investimentos resultaram no surgimento de uma camada social diversificada, composta também pelas classes mais baixas da sociedade, o que incluiu a figura dos “pequenos funcionários de serviços públicos” e os escravos recém-libertos (1888). Foi nesse contexto que a elite do Rio de Janeiro começou a almejar a “modernização” da cidade, buscando reformar e higienizar o seu “centro”, construir avenidas largas, dentre outras melhorias, buscando imitar Paris reformada, considerada modelo de cidade moderna no final do século XIX, como aponta Pesavento (2002).

A partir do processo de modernização pela qual passou a cidade do Rio é possível vislumbrar, por meio das representações implícitas nesse desenvolvimento, o modelo de cidade que os cariocas almejavam construir. Com base nessas representações que,

segundo Pesavento (2003, p. 41), “são portadoras do símbolo, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou anunciam”, tal modelo elevava a cidade do Rio a ser digna do título de capital do império. Estava aí o símbolo representativo da construção de um processo identitário que atendia aos ideais impostos por uma determinada dimensão sociocultural. Embora a parcela dominante e elitizada da sociedade, por meio dessas representações coletivas, segundo a autora, buscasse uma “identidade nacional” que via num “cadinho” do Rio de Janeiro – o seu centro – um modelo de cidade moderna, as camadas mais baixas da população, nesse processo, escoadas para locais mais precários como o bairro Cidade Nova, localizado próximo à região portuária, tinham outros ideais. Essa incompatibilidade na estrutura sociocultural carioca é resultante do que Chartier (2002) denominou lutas de representações. De um lado, a força da sociedade elitizada em busca da idealização de cidade moderna e, do outro lado, a classe desfavorecida que investia nas práticas socioculturais evidenciadoras de outros processos identitários, reveladores do seu modo peculiar de ser e estar no mundo, de viver com força um presente onde não faltavam encontros, uma ambiência de afeto, confraternização, sempre regada por uma música fluídica, no estilo improvisatório, por muita dança, muita comida e bebida, conforme revelado por Pinto (1936). Sobre as lutas de representações Chartier (2002, p. 17) diz que elas “têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. Afinado com Chartier, Silva (2014, p. 91) expõe que “é também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. Foi esse cenário que serviu de palco para a atuação de Anacleto de Medeiros como chorão.

3 | O CHORO E O CENÁRIO DA MÚSICA POPULAR URBANA CARIOCA

A configuração da camada social diversificada nesse contexto carioca, portanto, foi a grande responsável por produzir e, inicialmente, consumir o choro que se desenvolvia em meio a essas lutas de representações. Enquanto uma parcela da sociedade com maior projeção econômica se divertia nos teatros e dançava nos grandes salões ao som de grupos instrumentais as danças importadas da Europa, sobretudo as polcas, no subúrbio, mais especificamente no bairro Cidade Nova, as festas realizadas nas salas e nos quintais das casas das famílias humildes, comandadas por esses mesmos grupos instrumentais (formados por flauta, cavaquinho e violão), assumiam uma maneira peculiar de interpretar essas danças. Isso acontecia quando as faziam interagir com o lundu, um gênero afro-brasileiro influenciado pelos batuques dos negros e pelo fandango espanhol, como aponta Tinhorão (2010), numa circunstância que levou a algumas das primeiras manifestações da música popular urbana brasileira, dentre

elas, o choro. Se das danças europeias o choro herdou a funcionalidade do tonal e a forma rondó, do lundu e do ambiente brasileiro absorveu algo da contrametricidade, da languidez e de uma ginga peculiar, isso aconteceu junto ao cultivo de um estilo improvisatório que tem a ver, sobretudo, com variações da linha melódica. Importante lembrar com Cazes (1998) que, no início, por volta de 1870, o choro não era considerado um gênero musical e sim um “modo de tocar”, através do qual os chorões executavam os ritmos e as harmonias europeias nas reuniões festivas das casas de famílias humildes, só se firmando como gênero musical a partir da década de 10 do século XX. Por outro lado, Pinto (1936), através de seus relatos, observa que o choro se desenvolveu em um ambiente descompromissado, sempre regado por muita comida e bebida. Referindo-se à ambiência acolhedora e descontraída dos locais onde o choro era praticado, descreveu “aquellas festas simples onde imperavam a sinceridade, a alegria espontânea, a hospitalidade, a comunhão de idéas e a uniformidade de vida!” (PINTO, 1936, p. 10). Nesses saraus, muitas vezes chamados por Pinto de “bocas livres”, os músicos tocavam em troca de um jantar e algo para beber, conforme pode ser observado no seu relato: “vendo fartura vinha para a sala todo satisfeito, em caso contrário dizia: O gato está no fogão rapaziada, vamos sahindo de barriga. Não viemos aqui para passar “gin-ja” (que quer dizer fome). (PINTO, 1936, p. 17-18).

É possível perceber, a partir do cenário exposto, que os agentes envolvidos com essas práticas e costumes fundados em meio à sociedade em questão, buscavam, através do “imaginário”, se firmar como grupo social diante das condições que lhes eram oferecidas. O imaginário, para Pesavento (1995, p. 15), “faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade”. Sendo assim, a prática e o ambiente do choro refletiam a ascensão de uma classe recém-formada que, carente de uma identidade que a representasse, buscou se fortalecer e projetar sua realidade por meio da união e classificação de seus agentes. Chartier (2002) expõe algumas modalidades da relação das representações com o mundo social:

Em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição. (Chartier, 2002, p. 23)

Anacleto de Medeiros, atuando como chorão, conviveu com esse cenário que implicava também em lutas de representações forjadoras de processos identitários.

4 | ANACLETO DE MEDEIROS: UM MESTRE DO CHORO E DAS BANDAS

Segundo Diniz (2007), dotado de formação musical institucionalizada, Anacleto foi um dos músicos responsáveis por praticar o choro também no centro do Rio de

janeiro. O autor comenta a sua participação nesse cenário carioca:

Anacleto era participante assíduo de pelo menos uma roda de músicos no Centro do Rio, na rua da Carioca n. 40. Organizada na loja Cavaquinho de Ouro, ficou conhecida no início do século XX por reunir os músicos Luís de Sousa, Quincas Laranjeiras – o mais renomado professor de violão do seu tempo – Albertino Pimentel Carramona, Juca Kalut, Mário Cavaquinho e o jovem Villa-Lobos. A nata do choro passava por ali. (Diniz, 2007, p. 46)

Outro fator que pode elevar ainda mais a importância desse compositor para o cenário da música popular, ainda no dizer de Diniz (2007), é a sua atuação como maestro e arranjador de bandas. Num momento em que as bandas desenvolveram um papel significativo como opção de entretenimento, se consistindo também em importante veículo de divulgação da música popular urbana brasileira, Anacleto de Medeiros fez interagir com essa formação instrumental a linguagem musical e a sonoridade encontradas nas rodas do choro. Foi ele ainda um dos fundadores e primeiro regente de uma das principais bandas da época, a Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (BCBRJ).

Diniz (2007, p. 42) revela que o contato de Anacleto com a música se deu nos “preparatórios para a labuta iletrada”, a Escola de Aprendizes do Arsenal de Guerra. Apesar do perfil dessa instituição, se interessou pela Banda que ensaiava no pátio da escola, iniciando, provavelmente aí, a sua paixão pelas bandas de música, que, segundo Tinhorão (2010), depois de se disseminarem no século XIX por toda a Europa, chegaram também neste período ao Brasil. Cazes, por sua vez, afirmou que na interação do músico chorão com as bandas, a influência da cultura chorística foi tão marcante, “que sua produção musical pode ser vista, também, como a tradução da linguagem das rodas de choro para a banda de música, contribuindo enormemente para o enriquecimento musical de ambas as manifestações” (Cazes, 1998 *apud* Souza, 2003, p.12). Souza (2009) lembra ainda que o auge da trajetória de Anacleto como músico, compositor e maestro de banda se deu em 1896, quando foi criada a BCBRJ. Sob a sua batuta essa banda se destacou em meio às demais bandas do Rio de Janeiro, devido à qualidade técnica e a sonoridade suave obtidas, fator esse incomum às demais bandas da época. Na citação de Souza (2009), é possível notar o que Anacleto representou para esse grupo recém-formado, contribuindo automaticamente com a música brasileira:

Como organizador e maestro ensaiador da BCBRJ, Anacleto de Medeiros contribuiu efetivamente para a cultura musical brasileira. Como arregimentador, foi, pouco a pouco, convidando os melhores instrumentistas da época para integrar essa instituição musical. Como regente, o rigor rítmico, a afinação primorosa e a maciez de interpretação em conjunto foram os elementos de destaque no cenário fonográfico. E como compositor, a expressividade e a singeleza melódicas formaram o tempero do timbre melancólico de suas valsas, enquanto que o ritmo sincopado e buliçoso foi o ingrediente principal de suas polcas amaxixadas. (Souza, 2009, p. 12)

Outro fator responsável pelo destaque da BCBRJ em relação à qualidade sonora, decorrente também da atuação de Anacleto, é o fato de essa banda contar

com inúmeros músicos chorões, dentre os melhores da época. Em contato com tais músicos, através dos choros que frequentava, convidava-os para participar da banda, oportunizando, também, um vínculo empregatício fixo e formal a muitos deles que até então atuavam de forma amadorística. No site da própria instituição do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (<http://www.memoriamusical.com.br/bombeiros/>), ao escrever um histórico sobre a BCBRJ, André Diniz e Evelyn Chaves se referem à BCBRJ como a “banda dos chorões”. Segundo esses autores Anacleto

profissionalizou músicos que tocavam dispersos em diferentes grupos da cidade. Irineu de Almeida, ou Irineu Batina, primeiro professor do genial Pixinguinha, integrou a Banda tocando oficleide ao lado dos músicos Luís de Souza (cornetim e trompete), Candinho do Trombone, Casemiro Rocha (pistonista e compositor), Liça (bombardão), Irineu Pianinho (flauta), Edmundo Otávio Ferreira (requinta) e João Ferreira de Almeida (bombardino), entre tantos outros chorões.

Nesse contexto, essa corporação deu sua grande contribuição à música popular urbana brasileira também por meio das primeiras gravações mecânicas realizadas no Brasil a partir de 1902. Como os primeiros fonógrafos, devido à limitação tecnológica, não tinham grande capacidade para a captação sonora, os grupos mais utilizados nas primeiras gravações foram as bandas de música, devido o seu potencial sonoro. A BCBRJ foi a responsável pelos primeiros registros realizados pela Casa Edson, uma das pioneiras da gravação no Brasil. Segundo Franceschi (*apud* Souza, 2003, p.15), “a relação das primeiras gravações encontradas no Catálogo para 1902 da Casa Edson é toda de discos com a Banda do Corpo de Bombeiros do maestro Anacleto de Medeiros”. Esse mesmo pesquisador acrescenta que

[a]o ouvirmos estes discos é que percebemos a diferença entre a Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro e as demais bandas militares. A do Corpo de Bombeiros soava com uma maciez de interpretação inesperada numa banda militar. (Ibdem)

Em relação ao repertório gravado pela BCBRJ nesse início do século XX, é possível notar, por meio de um levantamento realizado no site do Instituto Moreira Salles (<http://www.acervo.ims.com.br>), uma das principais fontes de gravações históricas do Brasil, que grande parte desse repertório era composto por valsas e polcas, gêneros que circulavam pela mão dos chorões. As 114 músicas gravadas pela BCBRJ na primeira década de gravação no Brasil, encontradas no Instituto Moreira Salles, estão divididas em: 33 valsas, 28 polcas, 23 dobrados, 11 schottisch, 8 tangos, 4 hinos, 2 marzurcas, 2 gavottas, 1 maxixe, 1 quadrilha e 1 marcha. Esse panorama pode evidenciar o repertório “chorístico” dessa banda composto pelos gêneros de dança europeus interpretados “à brasileira” pelos chorões. Aliás, sobre esse repertório, Cazes (1998, p. 32) diz que através do trabalho do maestro Anacleto à frente dessa banda, “a linguagem chorística se propagou como em nenhum outro momento”. Em meio a esses registros puderam ser encontradas 14 composições do próprio Anacleto de Medeiros, dentre elas, “os schottisches *Iara*, *Implorando* e *Santinha* e as polcas *Três Estrelinhas* e *Medrosa*”, composições que Vasconcelos (*apud* Velloso, 2006, p. 12) diz

serem de grande importância para o enriquecimento da literatura do choro.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado buscou as interações de Anacleto de Medeiros com o cenário musical carioca do período abordado, inclusive, as suas implicações com os sentidos e significados que forjaram esse cenário. Representações relacionadas às circunstâncias sociais dos chorões, grupo que integrava, evidenciaram um sentimento de união de seus agentes, ações, discursos e posicionamentos, que apontaram para um modo peculiar de ser e estar nessa sociedade, processos identitários. Foi através das peculiaridades das suas rodas de choro, portanto, que esses músicos deram uma resposta às condições que lhes eram impostas na cidade moderna, reformada, mostrando um processo de lutas de representações. Por outro lado, nesse contexto, tanto os grupos dos chorões quanto as bandas de música, nas interações que realizaram, contribuíram para o desenvolvimento e para as imbricações sociais da música urbana que se estabelecia no Rio de Janeiro. Músicos atuantes nas duas formações levaram o choro a interagir com a linguagem da banda, e vice-versa, a encontrar nela um grande veículo de sua divulgação e desenvolvimento. Anacleto de Medeiros, como observado, foi uma peça fundamental nessas interações, levando, inclusive, através da BCBRJ, a música dos chorões aos registros fonográficos, o que, possivelmente, influenciou outro ângulo dos caminhos pelos quais essa música veio a trilhar. Pode ser observado, portanto, que, vivendo em consonância com os processos identitários que se estabeleciam na trama sociocultural do Rio, esse músico representou, por meio de suas composições e práticas musicais, sem deixar de marcar encontro com outros grupos, o que era reivindicado pelo grupo social e musical que integrava.

REFERÊNCIAS

CAZES, Henrique. **Choro: Do quintal ao municipal**. São Paulo: Editora 34, 1998.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. RJ: DIFEL, 2002.

DINIZ, André. **O Rio Musical de Anacleto de Medeiros: a vida, a obra e o tempo de um mestre do choro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.

PESAVENTO, Sandra J. **O imaginário da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Em Busca de uma Outra História: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, São Paulo, V. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PINTO, Alexandre G.. **O Chôro: Reminiscências dos chorões antigos**. RJ: Tipografia Glória, 1936.

SILVA, Thomaz T. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA, Thomaz T. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. P. 73-102.

SOUZA, David Pereira. **As gravações históricas da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (1902-1927): valsas, polcas e dobrados**. Rio de Janeiro, 2009. 149f. Tese (Doutorado). Centro de Letras e Artes – PPGM, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. **Um Olhar na Produção Musical do Maestro Anacleto de Medeiros: três edições críticas**. Rio de Janeiro, 2003. 153f. Dissertação (Mestrado). Centro de Letras e Artes – PPGM, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

VELLOSO, Rafael H. S. **O saxofone no choro: introdução do saxofone e as mudanças na prática do choro**. Rio de Janeiro, 2006. 87f. Dissertação (Mestrado) Escola de Música – PPGM, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio Janeiro, 2006.

SITES CONSULTADOS

<http://www.memoriamusical.com.br/bombeiros/> Acessado em: 28 de fevereiro de 2016.

<http://www.acervo.ims.com.br> Acessado em: 28 de fevereiro de 2016.